

AS AVENTURAS DA BRILHITZ



Ediouro

RODRIGO RODRIGUES

**AS AVEN-
TURAS DA
BLITZ (BYE-
BYE, LOBO,
BYE-BYE...)**

Depois de dois anos ralhando no underground carioca, o repertório do primeiro disco já estava ensaiadíssimo, na ponta dos dedos. Era só entrar em estúdio, tocar e apertar o *rec*. Pau na máquina. "O primeiro disco era o nosso show", conta Evandro. Segundo Billy, a gravação do LP de estréia "foi rapidinha, coisa de um mês". Barreto completa: "A gente mixou em uma semana". E ainda sobriam músicas para o segundo disco. "Era música a pampa", finaliza o tecladista.



Fazendo pose para o sucesso

Mariozinho Rocha não teve muito trabalho com arranjos e afins, pois a banda vinha realmente azeitada depois de quase dois anos de shows. “O instrumental era com eles, eu só me metia quando a harmonia chocava com a melodia, o que era raro. A minha atuação foi discreta”, confessa o produtor, abusando da modéstia. Mas, se o instrumental ficava por conta da rapaziada, o mesmo não se pode dizer dos vocais femininos. “Tirando ‘Você não soube me amar’, que veio pronta do compacto, as outras vinham sem vocal. Bolei as vozes de todas as outras músicas”, finaliza Mariozinho. Evandro confirma a história: “Mariozinho compreendeu a bagunça, o humor, ajudou muito a gente no estúdio, especialmente nos arranjos vocais.

Imagina, a gente mal sabia confessa o vocalista. Antônio da época: “O primeiro disco foi que é uma empresa inglesa. O príncipe Charles um ano antes lhões da gravadora, sambistas então no estúdio dois, onde ticanais inglesa antiga que, se usada em gravações dos

A história nunca se consorte, isso deu”. E bota sorte

LP gravado, era hora de uma dupla de designers que seria responsável por toda a caprichada e inovadora identidade visual da Blitz: Gringo Cardia e Luiz Stein. Os dois eram sócios do estúdio chamado A Bela Arte e conheceram a então bailarina Fernanda Abreu num festival de dança em Salvador. Gringo e Luiz assinavam os cenários e toda a produção gráfica do grupo Coringa, que contava com a hoje badalada coreógrafa Débora Colker. A dupla também cuidava do material de divulgação da companhia de dança, já inspirado no universo pop dos quadrinhos, que pautaria todo o projeto gráfico da Blitz. Luiz e Fernanda começaram a namorar e, quando a bailarina virou backing vocal da Blitz, sugeriu que o então namorado e atual marido, com



colocar os fones de ouvido”, Pedro lembra de uma lenda gravado nos estúdios da EMI, estúdio um foi inaugurado pelo e era reservado para os meda e cantores da MPB. Ficamos nha uma mesa de som de 16 gundo os técnicos, teria sido Beatles.

firmou, mas que a mesa deu nisso.

pensar na capa. Entra em cena

o parceiro Gringo, fizesse a parte visual do grupo. É bom lembrar que os designers, via Bar Caribe, já haviam assinado um cartaz na pré-história do grupo. Luiz e Gringo cuidavam da programação visual do bar de Mauro Taubman onde, ainda com Lobão, a Blitz fez o primeiro show.

A dupla dinâmica da Bela Arte resolveu complementar o lado teatral de Evandro & Cia., já turbinado pela namorada do vocalista, Patrícia Travassos. “Com referências do universo das histórias em quadrinhos, a gente conferiu à banda um teor ‘pop plástico’, como o artista Andy Warhol vinha fazendo há tempos”, explica Gringo Cardia. Evandro, fã de quadrinhos que se arriscava como desenhista cara. “Evandro gostava muito de algumas revistas underground”, lori-díssima contrastando com pop, “abriu as portas do *grand* gente”, completa Gringo. A dupla alternativo.

Antes de mais nada, é bom às referências do que rolava sign (e outras artes) era para TV a cabo, nada, nada, nada. zia uma enorme diferença, por



não tinha viajado para Nova York, Paris ou Londres”, frisa Stein. Quando a dupla assumiu os trabalhos, o compacto já estava a caminho de 1 milhão de cópias vendidas, o que fez com que o lançamento do LP atrasasse um pouco. “O projeto inteiro, desde que começamos o trabalho, até a capa sair, durou de nove a dez meses, quase um ano”, conta Luiz.

O primeiro logotipo da Blitz, usado na capa do *Aventuras*, foi inspirado na antiga logomarca dos X-Men, quadradona e em perspectiva. A idéia era mesmo seguir a estética das HQs e samplear coisas bacanas, mas simplesmente desenhar os integrantes seria uma solução muito óbvia e caricata, um clichê. A saída foi fazer uma espécie de arte sobre foto. Cafi,

(ver o livro *Xis-tudo*), topou de to, já tinha desenhado para lembra Luiz Stein. A capa, com um fundo branco e totalmente *monde* das artes visuais pra pla ainda batalhava no merca-

lembrar que em 1982 o acesso de bacana no universo do de-poucos. Não existia internet, “Naquela época, imagina, fa-exemplo, quem tinha e quem

“As aventuras da Blitz”: agora com cenário e tudo mais





fotógrafo responsável pelas capas de Milton Nascimento, foi escalado pela EMI para clicar a Blitz nas ruas desertas próximas à Praça Mauá, zona portuária do Rio de Janeiro. A sessão rolou na chamada “hora mágica”, uma condição de luz no fim de tarde que deixa as linhas bem definidas e reforça o contraste. Foto feita, coube à dupla Cardia/Stein trabalhar em cima. “Eu lembro que num primeiro momento foi até assustador: era uma foto superbonita, mas a gente meteu a tesoura e começou a trabalhar com as figuras recortadas meio que num bê-á-bá da *pop art*”, revela Luiz Stein. Num clima de “Photoshop manual”, as imagens seguiram para o fotolito e as cores foram separadas. Ficou tudo propositadamente fora de registro, com as cores meio borradas, bem no clima das revistas em quadrinhos da época. A primeira tiragem do disco saiu com cores fosforescentes, o que acabou influenciando o visual da banda no palco e, por tabela, ditando moda. As tintas, muito usadas nos anos 60 e raríssimas no mercado, foram descobertas num depósito em São Paulo.

E o disco não era apenas inspirado no universo dos quadrinhos, um gibi vinha encartado no LP. De cara, Lobão achou que era uma firula desnecessária, mas depois acabou curtindo a idéia. No entanto a “firula” inventada pela dupla de designers deu um trabalho danado. “Demorou pra caramba pra gente fazer, era tudo colagem”, explica Stein. Porém esse não foi o único problema enfrentado pela dupla da Bela Arte, a gravadora não conseguiu a liberação dos direitos dos personagens sampleados dos quadrinhos americanos. “O projeto quase foi cancelado, só conseguimos emplacar a revista depois que o Otacílio D’Assunção, o Ota da revista *MAD*, entrou em cena”, conta Luiz. Gibi pronto, outro problema à vista: a EMI não encontrou uma maneira razoável de encartar e distribuir a publicação, tendo sido prensados mais discos do que revistas. Na primeira tiragem, tudo certo. Da segunda em diante, no lugar do gibi o fã da banda encontra um folheto com os seguinte dizeres:

Por problemas técnicos, o gibi originalmente programado não acompanhou este disco. Após informação através dos meios de comunicação, queira retornar à loja onde você adquiriu o disco para apanhar grátis o seu gibi.